

## GARCIA MENDES D'EIXO E AS DUAS FACES DE JANUS

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA  
(Univ. do Porto)

41

D. Garcia Mendes de Sousa, senhor de Eixo, comparece nos cancioneiros com uma única composição, de leitura paleograficamente delicada e fazendo uso de uma ou várias línguas em que já foi reconhecido o provençal ou até o “lemosino (catalanesco)”<sup>1</sup>. Trata-se de uma composição que terá tido uma inserção tardia no processo de agrupamento de manuscritos dispersos numa compilação única, visto não apenas estar ausente do *Cancioneiro da Ajuda*, mas também se encontrar num ponto dos apógrafos italianos onde se reúnem reis e magnates portugueses e castelhanos, entre os quais D. Gonçalo Garcia de Sousa, Afonso X, D. Dinis, Afonso XI, e o D. Pedro, Conde de Barcelos – este último, promotor de tal agrupamento, como o foi do conjunto da compilação<sup>2</sup>. Apenas o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* a transmite<sup>3</sup> contra lacuna no *Cancioneiro Vaticano*, não havendo mais nenhum testemunho exterior que directa ou indirectamente possa contribuir para a sua edição.

Carolina Michaëlis, provavelmente porque não chegou a conhecer o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* em primeira mão, mas apenas as transcrições que dele fizera Enrico Molteni, declinou a possibilidade de o editar<sup>4</sup>, e assim o texto permaneceu fundamentalmente desconhecido até que, nos anos cinquenta, Elza Machado e José Pedro Machado o deram a conhecer numa edição semi-paleográfica<sup>5</sup>. Algum tempo depois, foi a vez de Jean-Marie d'Heur tentar uma edição “reconstruída” do breve cantar<sup>6</sup>, baseada numa concatenação de conjecturas, cujo resultado não parece ter sido convincente<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, II, Lisboa, 1990 (reprint da edição de Halle, 1904), pp. 513 e 744, para a primeira possibilidade, e 327, para a segunda. É possível que a hesitação quanto à base linguística do texto, manifestada por D. Carolina, se relacione com a incerteza quanto ao local onde foi escrito, que tanto podia ter sido Leão como a corte aragonesa, caso D. Garcia tivesse acompanhado o Infante D. Pedro Sanches na sua deslocação a esses territórios.

<sup>2</sup> Sobre o assunto, veja-se António Resende Oliveira, *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos sécs. XII e XIV*, Lisboa, 1994, pp. 193-194.

<sup>3</sup> B 454.

<sup>4</sup> Cf. Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, p. 327.

<sup>5</sup> Elza Paxeco Machado / José Pedro Machado, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional, antigo Colocci-Brancuti*, 8 voll., Lisboa, 1949-1964, (399).

<sup>6</sup> Jean-Marie d'Heur, «De l'occitan dans une pièce de Garcia Meendiz d'Eixo», in *Troubadours d'oc et troubadours galiciens-portugais*, Paris, 1973, pp. 93-104.

<sup>7</sup> Na edição integral do *corpus* lírico galego-português coordenada por Mercedes Brea, com o título *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, Santiago de Compostela, 1996, II, pp. 999-1000, a leitura do texto acolhida é a dos Machados.

Muito recentemente, também Giuseppe Tavani publicou uma tentativa de leitura do mencionado cantar<sup>8</sup>.

A edição que agora propomos pretende respeitar tanto quanto possível o que o testemunho único transmite, fornecendo alternativas às lições já adiantadas para os vários *loci critici* quer nos casos em que há leituras diversas do que está no manuscrito, quer quando este comporta lições corrompidas e desprovidas de sentido, sendo necessária alguma *divinatio* para as decifrar.

- 1 Ala u nazq la Torona  
E los *poderos* son tan[s]  
E la terra e trou bona  
Eia, quites son los Sans!
- 5 C'ora me volho tornar  
A Sousa, a lo mon logar,  
Que me adosa e m'asazona.
- La *augua* que tem me sona  
Que corre, per' é Natal,  
10 E la folha assi verdona  
Que nul temp non lhi faz mal;  
Tod'om se dev'a pagar  
Que nulh non lhi acha par  
De l'odor que de si dona
- 15 *Aicela* terr' é tro bona  
que malas son d'asembrar  
las saisons en la Torona  
a quem non porta culhar<sup>9</sup>...

Rubrica que acompanha o texto:

«Esta cantiga foi feita a Roi de Spanha  
A mim fallio con condado».

O *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* é uma compilação copiada em Itália durante o séc. XVI. Não sabemos quantos *codices interpositi* o separarão do *Livro das Cantigas do Conde D. Pedro*, do qual descende<sup>10</sup>, mas terão sido certamente os suficientes para introduzir, num texto escrito numa língua diferente da que se podia encontrar nos restantes poemas, elementos de incompreensão tais que tornassem a sua reconstrução problemática. Por outro lado, D. Garcia Mendes de Eixo não era trovador

<sup>8</sup> Ver Giuseppe Tavani, *Tra Galizia e Provenza. Saggi sulla poesia medievale galego-portoghese*, Roma, 2002, pp. 57-58. Para além de uma paráfrase em língua actual, a edição não contém aparato justificativo das opções avançadas.

<sup>9</sup> (I) «Lá, onde nasce a Toroña/ E tantos são os poderosos/ E a terra é muito boa./Eia, satisfeitos estão os Santos!./ porque agora quero retornar/ a Sousa, ao meu lar,/ que me adoça e me apazigua.» (II) «A água que tem me soa /que corre, embora seja Natal,/e a folha assim verdeja/ que nenhum tempo lhe faz mal./ Todos se devem alegrar/ que ninguém lhe acha par/pelo odor que de si desprende.» (III) «Aquele terra é tão boa/que são maus de passar/os dias na Toroña/ a quem não é portador de colar...»

<sup>10</sup> Sobre esta matéria ver as opiniões sustentadas por Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, pp. 286-288; Tavani, «La tradizione manoscritta», in *Poesia del Duecento*, pp. 77-179; Jean-Marie d'Heur, «Sur la tradition manuscrite des chansonniers galiciens-portugais», in *Arquivos do Centro Cultural Português de Paris*, VIII (1974), pp. 3-43.

em provençal e, pelo que conhecemos da sua biografia, dificilmente podia dominar essa língua com desenvoltura. Tendo isso em conta, só em condições de excepção seria de esperar encontrar um texto da sua autoria escrito em occitânico canónico, obedecendo a todas as regras gramaticais a que os trovadores de Além-Pirenéus se obrigavam<sup>11</sup>.

Ao tentar escrever numa língua que não o galego-português, onde se reconhecem suficientes elementos do occitânico, D. Garcia – a quem nem mesmo é reconhecida a autoria de qualquer outro cantar – terá certamente tido o auxílio de algum jogral ou trovador dessa língua, ou terá feito uso de material escrito que circulava nos meios em que tomou a sua iniciativa de *trobar*, ou ambas as possibilidades. Assim, quer estas circunstâncias, quer o reiterado princípio de respeito pelo único testemunho manuscrito, sobretudo quando as suas lições são portadoras de significado evidente, apontam não propriamente para um texto escrito em occitânico mas situando-se antes num compreensível hibridismo linguístico.

Oportunamente publicaremos a presente edição crítica com o respectivo aparato e comentários justificativos. Baste por agora dizer que o que está em itálico corresponde aos pontos de maior dúvida, que serão, em alguns casos, expressões em occitânico mal transcritas pelos copistas e cuja restituição agora tentamos<sup>12</sup>. A paráfrase em língua actual encerra a chave da interpretação literal do texto obtido.

Sem esconder que a ponderação da língua, ou línguas, que dão corpo à composição está dependente das opções editoriais assumidas, é nossa opinião que a questão da língua não tem aqui uma vertente meramente linguística, mas funciona antes como um dos muitos significantes históricos e poéticos que o trovador põe em acção neste extraordinário texto, como procuramos mostrar de seguida.

Os breves dezoito versos abrem com um rasgado louvor das terras e dos homens da *Torona*, mas um louvor que é também despedida jubilosa, já que o trovador antevê o retorno, que deveria estar iminente, às terras de Sousa, núcleo territorial da honra da linhagem a que pertencia, cujo panegírico ocupa toda a segunda *cobla*. Anote-se, para já, que é nesta, quando o discurso poético se volta para Portugal e para as terras de Sousa, que se observa um claro afastamento relativamente à língua occitânica, predominante na primeira *cobla* tal como voltará a ser de novo na *fiinda*<sup>13</sup>. Aqui o trovador volta a evocar a *Torona*, mas agora para aludir a uma situação de perda cujo carácter alusivo e equívoco impede uma interpretação satisfatória.

Para compreender os dados contextuais em que este cantar se situa, a primeira observação que começamos por fazer é que a *cobla* segunda, cuja leitura parece ser menos espinhosa do que a primeira ou a última, apresenta, mesmo com algumas dificuldades de interpretação, uma curiosa imagem construída em torno da contraposição do Natal às águas que correm, das agruras do clima no Inverno ao verdejar<sup>14</sup> das folhas, que

<sup>11</sup> É notório que as propostas editoriais de Jean-Marie d'Heur e de Tavani seguem o pressuposto contrário.

<sup>12</sup> Os pontos mais complexos parecem ser o v. 2, em que propomos a leitura *poderos* para resolver um evidente lapso no manuscrito, o mesmo sucedendo com o último verso da primeira *cobla* ou com o início da *fiinda*, onde a provável ocorrência de um demonstrativo – “*aicela*” – fora já sugerida por d'Heur, «De l'occitan», p. 100.

<sup>13</sup> Embora adoptando a estrutura conclusiva que a poesia galego-portuguesa acabou por atribuir à *fiinda* – que será cabalmente explicitada na «Arte de Trovar» que encabeça o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* –, o conteúdo alusivo e enigmático que a pequena *cobla* possui não deixa de evocar ainda a função da *tornada* occitânica.

<sup>14</sup> *Verdonar* é provavelmente um verbo construído a partir de *verdon*, pássaro esverdeado que entre nós adquiriu a designação *verdelhão*, o que acrescenta à imagem do *locus amoenus* manobrada pelo poeta uma presença animal que lhe faltava e em muito a enriquece. Trata-se, pois, de um elemento verbal leonês ou mesmo castelhano.

tem uma consagrada presença na poesia occitânica<sup>15</sup>. É porém no panegírico que Guillem Magret consagrou à Península Ibérica – e, em particular, ao rei Afonso IX de Leão –, que essa imagem surge com um sentido próximo daquele que certamente Garcia Mendes lhe quis dar, embora o tenha feito com uma execução verbal menos clara do que a do provençal. Eis o texto:

(...)  
 Et a Leon trobiei fon  
 on sorzon var vestimen  
 et aurs mesclatz ab argen,  
 et en Estiu, can neus fon,  
 i neis temprada freidors  
 et, entorn Nadal, calors,  
 e si vilans en bevia,  
 cortes et adretz seria,  
 e.ill marrit e li consiros  
 en tornon alegre ioios  
 e.ill paubre manent qui la van  
 (...)<sup>16</sup>

O reino de Leão é uma terra de tal excelência que há lá uma fonte donde manam, não apenas riquezas e agasalhos, mas sobretudo uma água fresca no Verão e temperada no Natal, quando o rigor do frio aperta – diz-nos o trovador provençal, visivelmente ganho pelo poder de atracção e pela excelente hospitalidade encontrada na corte leonesa do rei Afonso IX. Ora, é esta imagem paradisíaca que Garcia Mendes convoca no seu texto, reconduzindo-a à terra de Sousa que o espera e à qual regressará em breve. Mas vai mais longe: as águas do Sousa – as terras tiram o nome deste afluente do Douro que as percorre – murmuram de tal modo que, mesmo em pleno Natal, quando o frio aperta, propiciam tanto a verdura dos campos, como o odor que deles exala, aos quais ninguém poderá ficar indiferente.

Panegírico surpreendente, pela idealização da terra que comporta, embora certamente bem adequado à postura de um grande senhor feudal como era Garcia Mendes. E nem pelo facto de, na realidade, constituírem mais uma actualização do velho e consagrado *topos* do *locus amoenus*<sup>17</sup>, que conhecia, por essa altura, uma ampla fortuna literária<sup>18</sup>, essas palavras deixam de dar um dos mais profundos testemunhos da ligação umbilical que estes homens tinham à terra e da forma como entendiam a vitalidade de que ela estava possuída. Isso mesmo é confirmado e reforçado pela con-

<sup>15</sup> Da comparação das neves do Natal com a beleza da mulher falara já Bernart de Ventadorn em «Lo gens tems de Pascor», v. 38; Peire Vidal aproximar-se-á mais do oxímoro, ao declarar «...lo Nadal vos tramet de sas flores», in «Bels Amics cars, ven s'en ves vos Estius», v. 2.

<sup>16</sup> «.../E em Leão encontrei uma fonte/ donde brotam vestimentas várias/ e ouro misturado com prata;/ e, no Verão, quando as neves fundem/ aí nasce uma temperada frescura/ e, por ocasião do Natal, calor;/ e se um vilão dela bebesse/ cortês e aposto seria/ e os tristes e melancólicos/ tornar-se-iam alegres e contentes/...», Guillem Magret, «Aigua pueja contramon», vv. 45-55, apud Carlos Alvar, *La poesia trovadoresca en España y Portugal*, Barcelona, 1977, p. 68. O texto poderá ter sido escrito entre os últimos anos do séc. XII e os inícios do século seguinte, cronologia onde se tem situado a actividade deste trovador que terá ido terminar os seus dias às terras dos Cameros. Cf. Martín de Riquer, *Los trovadores. Historia literaria y textos*, II (2.ª edição), Barcelona, 1983, p. 915-917.

<sup>17</sup> Cf. Ernst Robert Curtius, *Literatura europea y Edad Media latina*, I, Madrid, 1976, pp. 280-286.

<sup>18</sup> Lembremos o magnífico exemplar de *locus amoenus* com o qual Gonçalo de Berceo irá abrir os seus *Milagros de Nuestra Señora*, no qual também se mencionam as «fuentes claras, corrientes/ en verano bien frias, en invierno, calientes» (ést. 3).

vocação sistemática da água como fio condutor da exposição poética em louvor da terra – da água doce normalmente associada ao alimento e à riqueza – que resulta numa síntese profunda entre ambas, já que a terra se confunde com a água da vida e da fecundidade.

É também particularmente interessante que esta disseminação do elemento aquático pelo discurso sobre a terra esteja já toda no poema de Magret, que começa por evocar a pujança das águas para sobre elas situar uma ponte do outro lado da qual está a terra de Espanha. Por sua vez, Afonso IX será um dos pilares dessa ponte e a imagem do seu reino irá construir-se em torno de uma fonte da vida e da abundância<sup>19</sup>. Ao fazer seu todo este aquático simbolismo, e ajustando-o às várias fórmulas de encómio da terra que se encontram no seu texto, o trovador de Sousa inscreve-se plenamente nas matrizes simbólicas que comandavam a linguagem trovadoresca europeia.

Se Garcia Mendes conheceu e se baseou no poema de Magret para elaborar o seu canto, como pensamos que sucedeu, então confirmar-se-á também que o local onde o Sousão se encontrava quando o redigiu era realmente o reino de Leão, em meios afectos à corte régia, e tê-lo-á feito em 1217, pouco tempo antes de retornar a Portugal depois de uma ausência de cerca de cinco anos<sup>20</sup>. E aqui a História começa a misturar-se intimamente com a Literatura.

O que fazia este magnate português em Leão por volta de 1217? Os membros mais importantes desta linhagem portuguesa – referimo-nos não apenas a Garcia Mendes, mas sobretudo ao filho mais velho do Conde D. Mendo, Gonçalo Mendes – saem do reino de Portugal, como é sabido, em pleito aberto com o rei D. Afonso II na sequência das disposições testamentárias do falecido D. Sancho I em favor das suas filhas, que o novo rei não deu mostras de querer fazer cumprir<sup>21</sup>. Relembre-se que uma destas infantas, D. Teresa, chegara a casar com Afonso IX de Leão, casamento entretanto desfeito por consanguinidade.

Conflito tipicamente senhorial, mas ao qual cedo os canonistas régios portugueses irão emprestar um cunho jurídico diverso, fazendo estribar as pretensões do rei num direito de tipo novo, onde se prefiguram as prerrogativas de um estado acima das partes em conflito. Seja como for, os Sousões passam a Leão, e de lá, em conjunto com o poderoso infante D. Pedro Sanches e, mais tarde, com o bastardo régio D. Martim Sanches, travam duras refregas militares contra o monarca português. O conflito conhecerá um primeiro momento de tréguas em 1217, na sequência do qual os Sousões retornarão ao reino de Portugal. É por esta altura que o poema terá sido redigido.

Torna-se, porém, necessário colocar estes acontecimentos e os seus protagonistas na escala que lhes compete. Conquanto excepcionalmente importantes no contexto português, a ponto de partilharem o panteão régio de Alcobaça, os Sousões eram, em ambiente leonês, uma linhagem meramente local que apenas poderia aspirar a estar presente episodicamente no magno concerto dos poderosos de uma corte régia que era, na altura, essencialmente cosmopolita e aglutinadora de grandes poderes feudais

<sup>19</sup> «.../ En Espaigna a un pon/ Per on hom passa soven/ Fag per tal encantamen/ Que si.l parlatz, gen respon;/ Cinc pilars ia, seignors,/ E bem a mil cavalls cors./ Tan es belhs de plana via;/ En l'ausor pilar que.i sai/ Esta lo valenz reis N'Anfos./ Rics de cor e tan poderos/ Que del tot complis son talan/...». «Aigua pueja contramon». vv. 34-44, apud Riquer, *Los trovadores*, p. 916.

<sup>20</sup> O texto assim considerado parece validar as indicações cronológicas e as circunstâncias adiantadas por Oliveira, *Depois do Espectáculo*, p. 348, para a sua redacção.

<sup>21</sup> Cf. José Antunes / A. Resende Oliveira / João Gouveia Monteiro, «Conflitos Políticos no Reino de Portugal entre a reconquista e a Expansão, Estado da Questão» (Separata da *Revista de História das Ideias*, VI), Coimbra, 1984.

da Península e mesmo de Além-Pirenéus. Isso mesmo se comprova pelo facto de apenas uma vez termos encontrado D. Gonçalo Mendes, o chefe da linhagem, confirmando um diploma de Afonso IX, sem mais referências a qualquer Sousa junto do centro de poder da monarquia leonesa<sup>22</sup>.

Talvez este aspecto seja crucial para entender cabalmente o que está dito no árduo texto deixado à posteridade por D. Garcia Mendes d'Eixo. É que, na sua extravagância linguística, ele pode contribuir para a compreensão de um ponto crucial no desenrolar da poesia trovadoresca em âmbito galego-português, que é exactamente o momento em que essa poesia chegou ao reino de Portugal, bem assim como os contornos assumidos por esse trânsito.

Ora o poema não deixa dúvidas de que Garcia Mendes celebra o seu próximo retorno às terras de Sousa. De tal modo essa intenção é central que surge mesmo no texto sob a forma de clara *propositio* – «...ora me volho tornar/ a Sousa...». Sendo assim, trata-se indubitavelmente de um cantar de exílio<sup>23</sup>, enfileirando, por exemplo, com o de João Soares de Paiva, no qual a situação de expatriamento é por demais evidente.

Tal como sucede no *Ora faz ost' o senhor de Navarra*, também agora uma questão crucial a colocar é a de saber onde está o sujeito que se assume como tal no texto, ou seja, para onde remetem quer o tecido referencial quer a rede de deícticos que comporta<sup>24</sup>. E aí o leitor é de imediato confrontado com a *Torona*, que é o elemento verbal em torno do qual se arquitecta o texto – comparece no *incipit*, ecoa através da iteração da rima em *ona*, e volta a estar presente no penúltimo verso da *fiinda*.

A *Torona* é a versão poética (ou occitanizada...) de Toroña, região à qual o trovador estava ligado pelo casamento e, com toda a probabilidade, pelo acolhimento no exílio. Não era para si, certamente, um lugar estranho. Por isso, o trovador entende despedir-se dela com um encómio que, no poema, só será ultrapassado pelo louvor da sua terra de Sousa, aquela onde havia frescura no Verão e quentura no Inverno<sup>25</sup>.

Os termos em que o trovador louva a Toroña, assentes na bondade natural da terra e fazendo sobressair também a qualidade do homens que a comandam – os *poderosos*, segundo julgamos ler no manuscrito, não sendo difícil apurar a quem em concreto Garcia Mendes se refere... –, ajustam-se também aos padrões impostos pela cultura trovadoresca internacional e pela ideologia senhorial que a enforma. Mesmo antevendo já o retorno à sua terra, ao seu *dominium*, Garcia Mendes não abandona nem as modalidades de expressão, nem o imaginário característicos da linguagem dos trovadores de Além-Pirenéus, cujo sentido é a exaltação irrestrita dos valores senhoriais, entre os quais se conta o apreço pelos poderosos, por aqueles que promovem a vida colectiva através da capacidade de distribuir a riqueza, ou seja, pelos que possuem a virtude do *donar* ou da *largueza*.

Creemos mesmo que esta declaração poética é anunciadora da adopção de uma renovada atitude senhorial por parte dos Sousões, tendo implícita que o regresso a Portugal se fará pautado pelo exercício desse estilo aristocrático vigoroso e de ampla

<sup>22</sup> Cf. Julio González, *Alfonso IX*, II, Madrid, 1944, p. 451. Trata-se de um documento de Janeiro de 1217.

<sup>23</sup> Cf. António Resende Oliveira, «A caminho da Galiza. Sobre as primeiras composições em galego-português», in *O Trovador Galego-português e o seu Mundo*, Lisboa, 2001, pp. 65-78.

<sup>24</sup> Cf. José Carlos Miranda, «João Soares de Paiva e o rei da Navarra: Para a leitura do cantar *Ora faz Ost' o senhor de Navarra*», in *O Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto, 1997, pp. 321-329.

<sup>25</sup> Pelo facto de se despedir das terras galegas não se pode inferir que Garcia Mendes passaria a estar exilado em Portugal e sem possibilidade de retornar à Toroña, ideia que parece fazer caminho em Tavani, *Tra Galizia*, p. 57. O texto não aponta nesse sentido nem poderia fazê-lo, a julgar pelos vestígios documentais existentes, que confirmam a presença deste magnate no sul da Galiza depois de 1217.

visibilidade, motivado pela busca do prestígio – o *pretz* e o *valor* de que os provençais tanto falavam –, que Garcia Mendes pôde ver de perto em terras leonesas, e no qual se contará necessariamente o patrocínio empenhado da actividade trovadoresca. Na realidade, é isso mesmo que virá a suceder de um modo muito nítido, surgindo o primeiro núcleo de trovadores e jograis do Sul da Galiza e do Norte de Portugal incontestavelmente ligado à figura deste Sousão e à linhagem a que pertencia.

É neste duplo trajecto saliente no cantar, tanto voltado para Norte, para o reino de Leão, como para a Sul, para as terras de Sousa e para o reino de Portugal, numa irremediável não coincidência de caminhos e de sentidos, que há que enquadrar os usos linguísticos nele presentes, que acabam por reproduzir essa duplicidade fundamental. Mas é necessário precisar melhor a geografia social e cultural em que o trovador se move no seio do reino leonês.

Na realidade, quer a leitura do *incipit* quer da epígrafe que acompanha o texto indiciam que, embora Sousa e a Toroña sejam as duas terras nas quais o trovador faz incidir a atenção, o seu discurso é proferido algures, em meios onde o occitânico tinha alguma audiência e a sua utilização um significado em si. Parece-nos provável, assim, que o texto tenha sido elaborado tendo em vista um público próximo da corte leonesa, o único que poderia entender o alcance da utilização do occitânico e o que ele representava enquanto adesão deste magnate regional à forma de civilidade cosmopolita que aí se praticava<sup>26</sup>.

Nessa direcção parece também apontar a dedicatória que acompanha o texto, onde se declara que «Esta cantiga foi feita a Roi de Spanha». Esta personalidade é, segundo cremos, Rui Diaz de los Cameros, o grande senhor castelhano que terá sido o primeiro mecenas de trovadores em língua peninsular, e particularmente em galego-português, que é possível identificar com suficiente fundamento, para além de ter promovido idêntico apoio a trovadores e jograis provençais. As ligações deste homem de ascendência galega à corte leonesa são assíduas, e não há alternativa a considerá-lo também o grande responsável pela ocidentalização do canto em galego-português, já que, pelo testemunho de João Soares de Paiva, o primeiro núcleo destes trovadores pode bem ter-se formado no senhorio castelhano-navarro dos Cameros<sup>27</sup>.

Encarada a questão nestes termos, tudo parece fazer sentido. Tal como indicámos atrás, o occitânico é utilizado privilegiadamente na primeira *cobla* do poema e na *finda*, ainda que com fortes interferências dos falares ocidentais da Península, recuando claramente da segunda *cobla*, que se deverá definir, do ponto de vista linguístico, como estando escrita em galego-português embora com grande permeabilidade quer face ao provençal, quer aos falares do Norte peninsular. Mesmo alguns dos provençalismos que aí ocorrem são formas que conhecerão uma rápida lexicalização na língua dos trovadores galego-portugueses.

Assim, enraíza-se a ideia de que não foi, provavelmente, intenção de Garcia Mendes escrever um texto em provençal, mas apenas utilizar essa língua com uma finalidade

<sup>26</sup> Na esclarecida introdução à genealogia dos Sousões, inserida no seu *Livros de Linhagens Medievais Portuguesas. Genealogias e Estratégias (1279-1325)*, pp. 209-210, José Augusto Pizarro chama a atenção para o facto de esta linhagem ter sido extremamente precoce na utilização de sinais heráldicos em Portugal, bem assim como no uso de um apelido estabilizado – *de Sousa* –, sendo ainda a única, até à segunda metade do séc. XIII, a quem era atribuída uma designação condal. Todos estes elementos revelam uma especial atenção ao domínio do simbólico como veículo de consagração do poder e do prestígio. A profunda aceitação da cultura trovadoresca que Garcia Mendes revela neste texto aponta rigorosamente no mesmo sentido.

<sup>27</sup> Cf. José Carlos Miranda, «Le surgissement de la culture troubadouresque dans l'occident de la Peninsule Ibérique (II) Les genres, les thèmes et les formes», in *Le Rayonnement des Troubadours. Actes du Colloque de l'Association Internationale d'Etudes Occitanes*, Amsterdam-Atlanta, 1998, pp. 97-105. Contamos publicar em breve a fundamentação das ideias que agora apresentamos em síntese.

bem precisa, que era a de compatibilizar mundos irremediavelmente diferentes, mas que tinham a uni-los algo profundo. Se as terras leonesas, Rui Diaz de Los Cameros, o “trobar” em occitânico, por um lado, e a Toroña a caminho do reino de Portugal e das terras de Sousa, os Sousões, bem como o “trobar” em galego-português, por outro, eram realidades necessariamente distintas, o texto encarrega-se de esbater a fronteira que as separa.

A ideologia senhorial e a sua vistosa vertente trovadoresca constituem o cimento que une esses trajectos e respectivas geografias, conferindo-lhes uma idêntica natureza. E esse elo é quase genealógico, já que Garcia Mendes reconhece implicitamente quanto deve a Rui Díaz de los Cameros e ao ambiente occitânico, sobretudo naquilo que está implícito que futuramente virá a fazer e que se traduzirá num intenso apoio à actividade dos trovadores que reunirá em torno de si e da sua linhagem.

O que o cantar “occitânico” de Garcia Mendes d’Eixo acaba por documentar, paradoxalmente, é a quem e a que circunstâncias se deve o enraizamento do galego-português como língua de um poderoso movimento poético-musical, de outro modo confinado unicamente à vertente galega e leonesa, dispersa e sem o vigor que o novo núcleo do extremo sul da Galiza e Portugal virá a demonstrar.